

Máximo Gorki

## A MULHER DOS OLHOS AZUIS

\*\*\*\*\*

I

O commissario adjunto da polícia, Zossime Guillovitch Podchiblo, pesado e melancólico ucraniano, estava sentado à secretária, torcia os bigodes e girava os olhos irritados mirando o pátio do commissariado pela janela. O gabinete era escuro, quente e silencioso; só o pêndulo de um grande relógio de parede contava os minutos com pancadas desagradáveis e monótonas. No pátio, ao contrário, tudo era sedutor, claro... Três bétulas mergulhavam no em sombra espessa e, num monte de feno recentemente trazido para ali para os cavalos dos bombeiros, dormia, estendido à vontade, o sargento Konkharine, que acabara de ser rendido da guarda. Zossime observava-o e aquilo tornava-o furioso. O subordinado dorme e ele, o seu infeliz chefe, deve vegetar neste buraco e respirar as emanações húmidas dos seus muros de pedra! Podchiblo imaginava o prazer que sentiria também, repousando à sombra, deitado no feno perfumado, se tivesse tempo e se a sua posição administrativa lho permitisse; depois espreguiçou-se, bocejou e ficou ainda mais desesperado. Sentiu o incoercível desejo de acordar Konkharine.

- Eh, tu!... Eh... Animal! Konkharine! - chamou ele com toda a força.

A porta abriu-se e alguém entrou no gabinete. Podchiblo olhava pela janela e não se virou, não teve o mais pequeno desejo de saber quem entrava, quem estava por trás dele no limiar da porta e fazia gemer o soalho sob o seu peso.

Konkharine não deu pelo chamamento do seu superior. Com as mãos cruzadas debaixo da cabeça, a barba virada para o céu, dormia, e a Zossime pareceu-lhe ouvir o forte ressonar do seu subordinado, um ressonar irónico, saboroso, feito para excitar ainda mais o seu desejo de repouso e a raiva de não se poder entregar a ele. Podchiblo teve vontade de descer para dar um bom pontapé na barriga inchada do homem, de o apanhar pela barba e arrastá-lo para o sol.

- Eh... ainda na sorna! Está a ouvir-me?

- Senhor commissario, quem está de serviço sou eu! Proferiu alguém atrás dele numa voz obsequiosa e alocarada.

Podchiblo voltou-se, mediu com um olhar mau o sargento que remexia uns olhos grandes e embrutecidos e estava pronto a lançar-se instantaneamente aonde o mandassem.

- Chamei-te?

- Não, senhor commissario.

- Fiz-te alguma pergunta? - disse Podchiblo aumentando a voz e agitando-se ligeiramente na cadeira.

- Não, senhor commissario.

- Então, vai para o Diabo antes que te atire com qualquer coisa às ventas!

E ele começava já a remexer febrilmente na mesa com a mão esquerda para encontrar um projétil qualquer enquanto a direita se agarrava à cadeira; mas o sub-oficial, lesto e rápido, passou para o outro lado da porta e desapareceu. Este desaparecimento parecia insuficientemente respeitoso ao commissario auxiliar da polícia; e veio-lhe a vontade de descarregar de qualquer forma toda a cólera que sentia subir em si contrastando com o ar

morno da sala, com o servião, com Konkharine adormecido, com a próxima temporada da feira e com outras mãadas que, não se sabe porquê, vinham naquele dia apresentar-se espontaneamente ao seu espírito, contra a sua vontade.

- Eh l.! Vem c... - gritou na direção da porta.

O sargento de servião entrou e abrigou-se sob a soleira; a sua cara exprimia horror e expectativa.

- Cara de parvo - insultou-o Podchiblo com um ar carrancudo. - Vai ao p.tio, acorda Konkharine e diz-lhe, a esse burro, que não torne a ressonar ali. Um esc,ndalo!... Vai... depressa...

- ¿s suas ordens! E, senhor comiss.rio, est. ali uma senhora que o queria ver...

- Quem?

- Uma senhora...

- Como?

- Uma grande...

- Idiota! Que É que ela quer?

- VÍ-lo...

- Pergunta-lhe para quÍ... anda!

- Perguntei-lhe... não me respondeu... 'Quero ver o senhor comiss.rio<sup>a</sup> disse ela.

- Ah, cambada!... Dize-lhe que entre!... ... nova?

- Sim, senhor comiss.rio.

- Bom, que entre!... Mexe-te! - ordenou Podchiblo com uma voz j. mais suave; ajeitou o fato e fez barulho com os papÈis na mesa dando ‡ sua fisionomia aborrecida o aspecto vigoroso que convÈm ‡ autoridade administrativa.

Atr.s dele ouviu-se um roÁar de vestido.

- Que deseja? - perguntou Podchiblo colocado a trÍs quartos depois de ter medido a visitante com um ar crÍtico. Esta inclinou-se e aproximou-se lentamente da mesa, deitando um olhar encantador e furtivo ao polÍcia com os seus olhos azuis e graves. Estava vestida simples e pobremente, como as mulheres da pequena burguesia: com um lenÁo na cabeÁa, trazia um mantelete de pele cinzenta muito usada, cujos cantos ela amarfanhava entre os dedos morenos das suas m.,os pequenas e bonitas. Era grande, forte, com o busto desenvolvido, e o rosto comprido e trigueiro; ela tinha em si qualquer coisa de particularmente severo e reflectido que não era feminino. Podia-se-lhe dar uns vinte sete anos. AvanÁava com um ar pensativo, com lentid.,o, como se perguntasse a ela mesma: 'N.,o deveria ir-me embora?'

'Diabo! que granadeiro!' pensou Podchiblo imediatamente apÙs a pergunta feita. 'Isto vai dar uma queixa'...

- Podia dizer-me..., - comeÁou ela com uma voz profunda de contralto, depois interrompeu-se hesitante, parando os seus olhos azuis na cara barbada do oficial da polÍcia.

- Sente-se, se faz favor... Que deseja saber? - perguntou Podchiblo com um tom oficial, continuando a pensar para consigo: 'Uma boa mulher! Eh! Eh!'

- ... por causa dos livretes...

- De habitaÁ.,o?

- N.,o, não, É desses...

- Ent.,o quais?

- Aqueles... aqueles com que... as mulheres v.,o...

- Que quer dizer?... De que mulheres se trata? - Perguntou Zossime levantando as sobrancelhas com um sorriso atrevido.

- Toda a espÈcie de mulheres que... saem ‡ noite...

- Ai, ai, ai! As prostitutas? - fez Zossime, explicando-se amavelmente.

- Sim! ... isso.

E, suspirando profundamente, ela sorriu por sua vez, mostrando-se mais ‡ vontade depois de ouvir a palavra.

- Ah! Ah! Ent.,o? Sim, sim! E depois? - comeÁou a interrogar Zossime, pressentindo qualquer

coisa interessante e complicada.

- E depois, foi por causa desses cartões que eu c. vim... - pronunciou a mulher deixando-se cair para trás na sua cadeira, suspirando e sacudindo estranhamente a cabeça como se tivesse recebido uma pancada.

- Ent.,o... vai abrir um pequeno estabelecimento ? ... isso...

- N.,o, É para mim...

E a mulher baixou muito a cabeça.

- Ah! Ah! E ent.,o onde est. o seu antigo livrete?... - perguntou Podchiblo e, puxando a sua cadeira para mais perto da visitante, deitou-lhe a m.,o † cintura, atirando uma olhadela para a porta.

- Qual? Eu n.,o tinha... - respondeu ela, olhando para ele, mas n.,o fez um movimento para evitar a sua m.,o.

- Ent.,o você exercia secretamente a sua indústria? - Você n.,o estava matriculada? Isso acontece. E você quer pôr-se em dia? Est. bem... H. menos riscos - encorajou-a Zossime, afoitando-se nos seus gestos.

- Mas É a primeira vez que... - precisou ela, baixando os olhos com um ar incomodado.

- Mas como, a primeira vez? N.,o compreendo - retorquiu Podchiblo, encolhendo os ombros.

- Eu quero sũ... ... a primeira vez. Eu vim para a feira - explicou a senhora com uma voz estrangulada, sem levantar os olhos.

- Ah, É isso! - Zossime retirou a m.,o, afastou-se, e, um bocado embaraçado, recostou-se na sua cadeira.

Ficaram um instante silenciosos.

- ... ent.,o isso!... Sim... você quer... Mas É uma profissão desagradável, vejamos.

Difícil... Quero dizer, naturalmente... Mas mesmo assim... Estranho! N.,o compreendo, confesso... Como É que pode tomar essa decisão. Se É efectivamente verdade...

Como polícia experimentado, ele via bem, que efectivamente, era verdade: ela era fresca e correcta de mais para pertencer às mulheres de certa profissão... N.,o tinha nenhum dos sintomas de venabilidade que marcam infalivelmente o físico e os gestos duma mulher, mesmo depois de uma curta prática.

- Juro-lhe que É verdade! - Ela inclinou-se subitamente para ele, com confiança. - Eu ia exercer esta suja profissão, e ia pôr-me a mentir? Ent.,o porquê? ... preciso levar as coisas simplesmente. Est. a ver, eu sou viúva. Perdi o meu marido: ele era piloto e desapareceu em Abril durante o degelo. Tenho dois filhos, um rapaz de nove anos, uma rapariga de sete. N.,o tenho rendimentos. Pais também n.,o. Ele casou comigo úrf.,. E os dele, os pais, est.,o longe. E, ali-s, n.,o gostavam de mim... Como s.,o abastados, eu sou para eles uma espécie de mendiga. N.,o tenho porta onde bater. Podia trabalhar, É certo. Preciso de muito dinheiro, e nunca ganharia o suficiente. O meu filho est. no liceu. Naturalmente, eu podia fazer uma tentativa para uma bolsa, mas onde É que isso me levava, a mim, uma pobre mulher? E o meu filho É um homenzinho... sabe, uma boa cabeça! Era pena cortar-lhe a carreira... O mesmo com a rapariga... Também É preciso dar-lhe qualquer coisa. E um trabalho para isto, um trabalho honesto... encontra-se pouco. E quanto ganharia? E depois, pergunto-lhe eu, que trabalho? Cozinheira, talvez... sim, claro... cinco rublos por mês... n.,o chega! N.,o chega para nada! Enquanto que com esta coisa... Com sorte... pode-se ganhar duma vez para comer durante um ano. Durante a feira, o ano passado, uma mulher que eu conheço ganhou quatrocentos rublos! Agora, com esse dinheiro, casou-se com um guarda florestal; É uma senhora, n.,o precisa de se mááar mais. Vive... Mas, h. a vergonha, dir. o senhor, claro, É desonroso... Mas É sũ... E se pensar... ... o destino... ... sempre o destino. Isto veio-me assim, ao espírito; ent.,o, n.,o É verdade, É preciso fazí-lo: É um sinal do destino... Se der resultado, muito bem... se n.,o der, e que eu tenha apenas o sofrimento e a vergonha... ser. também o destino... Sim...

Podchiblo ouvia-a e percebia metade, porque toda a sua fisionomia falava. A princípio, era uma expressão de terror, mas, depois, tinha-se tornado simples, seca e resoluta.

Ele sentia-se pouco † vontade, com uma ponta de inquietação.

Caia um idiota entre as mãos desta vaca e ela arrancar-lhe- a pele num segundo e n.,o lhe

deixa senão os ossos<sup>a</sup> pensou e, quando a sua visitante acabou, disse secamente:  
- Não posso fazer nada por si. Dirija-se ao chefe da polícia. Isso é com a direção, o da polícia e com a inspecção sanitária. Eu não posso nada...  
Desejava vê-la partir o mais cedo possível. Ela levantou-se imediatamente, inclinou-se e dirigiu-se lentamente para a porta. Podchiblo, com os dentes cerrados, piscando os olhos, seguia-a com os olhos, e calava-se para não lhe cuspir nas costas...  
- Então, eu devo ir ver o chefe da polícia, diz o senhor? - perguntou-lhe ainda, voltando-se na porta... Os seus olhos azuis diziam a sua decisão inabalável. Mas uma ruga profunda vincava o seu rosto.  
- Sim, sim! - respondeu precipitadamente Podchiblo.  
- Até à vista! Muito obrigada! - E ela saiu.  
Podchiblo encostou-se com os cotovelos sobre a mesa e ficou assim uma dezena de minutos, assobiando entre os dentes.  
- Que estupor, hein? - Pronunciou em voz alta, sem levantar a cabeça. - Ainda por cima com os miúdos! O que é que os miúdos tinham a ver com isto? Hein! Que carcassa!  
Fez-se, de novo, um enorme silêncio...  
- Mas há a vida também..., se tudo aquilo é verdade. A vida torce um homem como uma corda, pode dizer-se... Sim... A vida não é nada macia...  
Depois de novo silêncio, para recapitular todo o trabalho do seu pensamento, ele deu um pesado suspiro, cuspiu com um ar definitivo e exclamou energicamente:  
- Porcaria!  
- Que deseja? - disse o sargento de serviço que reapareceu à porta.  
- Hein?  
- O senhor comissário deseja qualquer coisa?  
- Põe-te a mexer!  
- às suas ordens!  
- Espécie de burro! - resmungou Podchiblo. E olhou pela janela.  
Konkharine continuava a dormir no feno... Manifestamente, o sargento de serviço tinha-se esquecido de o acordar...  
Mas Podchiblo tinha esquecido a sua cúltera e o espectáculo do soldado que se refastelava sem cerimónia não o aborreceu de maneira nenhuma. Sentia-se obscuramente assustado. Via no espaço os olhos azuis, tranquilos, que o fitavam resolutamente, no rosto. Sob este olhar obstinado sentia um peso no coração, uma espécie de mal-estar.  
Olhou para o relógio, reajustou o cinturão e saiu do gabinete, resmungando:  
- Tornaremos-nos a ver, não há dúvida... ... mesmo certo!

## II

Efectivamente, tornaram a encontrar-se.  
Uma noite em que rondava de serviço, Podchiblo viu-a a cinco passos de distância. Dirigia-se para o jardim público com o lento andar coleante, os olhos azuis obstinadamente fitos em frente, ao longe; em toda a sua figura, harmoniosa e alta, no movimento do busto e das ancas, no olhar luminoso e grave, havia qualquer coisa que se desencontrava; o vinco de fatalidade extrema, de renúncia, que lhe marcava a face, estava muito mais nítido que no primeiro encontro e estragava, endurecendo-o, aquele belo rosto.  
Podchiblo cofiou o bigode, acariciou uma ideia travessa que acabava de nascer no seu espírito e decidiu não perder a mulher de vista.  
- Espera um bocadinho, minha coruja! - Tal foi a exclamação prometedora que lhe dirigiu mentalmente.  
Cinco minutos mais tarde estava já sentado ao lado dela num dos bancos do jardim.  
- Não se lembra de mim? - perguntou ele sorrindo.  
Ela olhou para ele e mediu-o calmamente.  
- Sim, lembro-me. Boa tarde, - disse ela em voz baixa, abafada, mas não lhe estendeu a mão.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

